

PERSPECTIVAS DA LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO FUNDAMENTAL: POESIA POPULAR NORDESTINA NOS LIVROS DIDÁTICOS

Morgana Ribeiro dos Santos
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
morgribeiro@bol.com.br

1- APRESENTAÇÃO

O presente trabalho está relacionado a um projeto de pesquisa homônimo de Doutorado em Língua Portuguesa, em fase inicial, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A proposta do referido projeto é investigar, através de pesquisa bibliográfica, do estudo de poemas da literatura de cordel e da análise de cinco coleções de livros didáticos, como esses poemas populares nordestinos têm sido considerados nas aulas de língua portuguesa no segundo segmento do Ensino Fundamental, que vai do 6º. ao 9º. ano.

Além de estudar a literatura de cordel, sua história, seus fundamentos, suas características, sua riqueza linguística e cultural e analisar como os poemas de cordel têm sido abordados no livro didático, pretende-se produzir reflexões a respeito do tratamento conferido à literatura de cordel, contribuir para a valorização da literatura popular nordestina e apresentar estudos de poemas de cordel com o embasamento teórico da Estilística Semiótico-funcional (Simões 2005) e da Semântica (Ullmann 1964).

As primeiras leituras de poemas de cordel e de textos teóricos relacionados ao tema já evidenciam o valor cultural e documental desses poemas, sua condição de representar a voz do povo, suas ideias, suas impressões, suas crenças, suas expectativas, seu imaginário, sua criatividade, assim como já se trazem características que favorecem o aproveitamento pedagógico da literatura de cordel.

2 - A LITERATURA DE CORDEL

A literatura de cordel é uma manifestação genuína da cultura popular brasileira que floresceu no Nordeste, a partir do diálogo com a cultura europeia, enraizada nas tradições orais e configurada como gênero da literatura escrita no final do Século XIX. O poeta e pesquisador Aderaldo Luciano, na apresentação do livro *Breve História da Literatura de Cordel* (Haurélio 2010), explica que a produção dos folhetos e sua comercialização tiveram início no Recife, como uma consequência da reunião, na capital pernambucana, de quatro poetas paraibanos: Silvino Pirauá de Lima, Francisco das Chagas Batista, João Martins de Athayde e Leandro Gomes de Barros, sendo este considerado o Pai do Cordel Brasileiro. (p. 7)

A fim de esclarecer o que é literatura de cordel, cabe considerar a advertência de Haurélio (*op. cit.*), de que não se pode confundir *literatura de cordel* com o hiperônimo *poesia popular nordestina*. O autor explica que a poesia popular é um tronco do qual a literatura de cordel é uma ramificação, assim como o *repente*, a *poesia matuta* e a *embolada*. Nas palavras do estudioso:

O Cordel é um dos galhos da árvore da poesia popular, como o repente também o é. Entretanto, Cordel e repente não são a mesma coisa, pois, à medida que a árvore cresce, os galhos se distanciam, conquanto estejam unidos pela origem comum. O tronco desta árvore é a poesia popular. A embolada e a poesia matuta, dentre outras manifestações, são também galhos ou ramos importantes. Todavia, a confusão do Cordel com a dita poesia matuta, divulgada por Catulo da Paixão Cearense, apesar de comum, precisa,

como todos os equívocos, ser combatida. A linguagem propositadamente estropeada dos versos matutos vende uma falsa ideia de espontaneidade que nada tem a ver com a Literatura de Cordel praticada por poetas do porte de José Pacheco, Delarme Monteiro, Caetano Cosme da Silva ou Manoel Monteiro. (Haurélio 2010: 18)

A respeito da origem do termo *cordel* como denominação para os livretos nordestinos, o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Luís da Câmara Cascudo, é bastante esclarecedor. A definição para o verbete *literatura de cordel* inicia-se com as seguintes palavras:

Denominação dada em Portugal e difundida no Brasil, referente aos folhetos impressos, compostos em todo o Nordeste e depois divulgados pelo Brasil. Na obra *Cinco Livros do Povo: Introdução ao estudo da novelística no Brasil*, Luís da Câmara Cascudo comenta: “No Brasil diz-se sempre folhetos referindo-se a estas brochurinhas em versos. Em Portugal dizem ‘literatura de cordel’ porque os livrinhos eram expostos à venda cavalgando sobre um barbante, como ainda acontece em certos pontos do Brasil”. Segundo Veríssimo de Melo, “as raízes da nossa literatura de cordel, narrativa em versos e registro de fatos memoráveis, em folhetos, estão fincadas, sem nenhuma dúvida, em velha tradição portuguesa e ibérica. (Cascudo 2002: 332)

Entende-se que o nome *cordel* foi aplicado aos folhetos populares pelo fato de terem sido dispostos para o público consumidor pendurados em cordões ou barbantes, nas feiras e demais pontos de venda e divulgação.

Além de traduzir o imaginário popular em histórias de amor, aventura, esperteza, humor, justiça, fé, alguns folhetos apresentam um valor documental, nos textos que se ocupam de noticiar e discutir acontecimentos do dia a dia, crimes, fatos políticos, desigualdades sociais. Na obra *O povo de papel: a sátira política na literatura de cordel*, a pesquisadora Ivone da Silva Ramos Maya faz um estudo, associando Literatura e História, da crítica à Primeira República presente nos versos do poeta Leandro Gomes de Barros. A autora explica que:

A fala do poeta funcionaria como um contraponto ao que se costuma afirmar sobre esse período, de que haveria um “emudecimento” em relação ao popular, apenas emergindo a voz das elites. O trabalho tenta demonstrar que, ao contrário, através dos poemas, o povo é informado de como funcionava o sistema político da época; e o poeta, utilizando-se frequentemente da paródia, da sátira e da alegoria, apresentava essas questões de maneira a ser facilmente assimiladas e compreendidas por seus leitores. (Maya 2012: 18-19)

Nesse sentido, observa-se que, através da literatura de cordel, a História pode ser compreendida de um ponto de vista que expressa a voz do povo e se opõe ao discurso oficial.

A partir da década de 1940, a literatura de cordel rompeu as fronteiras do Nordeste, disseminou-se por outras regiões do Brasil, principalmente, Sudeste, com o deslocamento dos nordestinos para os centros urbanos, em busca de trabalho e melhores condições de vida. No Rio de Janeiro, por exemplo, podem ser apontados como centros de preservação e divulgação dos folhetos de cordel, na atualidade, o *Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas*, também conhecido como *Feira de São Cristóvão* ou *Feira dos Paraibas*, no bairro São Cristóvão, e a *Academia Brasileira de Literatura de Cordel*, localizada em Santa Teresa.

A importância de um estudo sobre como a literatura de cordel é considerada na sala de aula fundamenta-se no respeito à pluralidade cultural brasileira e na valorização da escola como um espaço de transmissão, discussão e produção do saber, especialmente no que diz respeito ao conhecimento que integra nossa identidade.

Observando os objetivos dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* para a disciplina Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, constata-se que o terceiro e o quarto objetivos do documento corroboram a relevância do presente projeto de pesquisa:

- Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;
- Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. (1998: 7)

A pluralidade cultural e social do Brasil é evidente, e o povo nordestino contribui de maneira decisiva, enriquecendo nossa cultura com sua linguagem, culinária, literatura, artesanato, dança, música, costumes. Nesse sentido, a escola, na qualidade de instituição privilegiada no que diz respeito à formação dos sujeitos e à produção do conhecimento, deve manter incluídos entre seus temas para estudo as manifestações literárias populares, a poesia genuína que brota da criatividade do nosso povo, de modo a valorizar nosso patrimônio cultural e a expressão das ideias que caracterizam nossa brasilidade.

Além disso, os poemas de cordel podem ser muito atrativos para crianças e adolescentes em idade escolar, como podemos observar nas narrativas que envolvem fantasia, animais como personagens centrais, amores impossíveis, seres fantásticos, disputas, heroísmo, humor. Os professores Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro, no capítulo “Literatura de cordel para crianças e jovens leitores”, da obra *O cordel no cotidiano escolar* citam a semelhança entre os folhetos populares e a literatura infanto-juvenil:

Há, em muitos cordéis, traços como o predomínio da fantasia, inventividade ante situações inesperadas/complexas, musicalidade expressiva, caráter fabular, marcas comuns à literatura para crianças. O humor é presença marcante tanto na poesia para crianças quanto no cordel. Também um filão do cordel que o aproxima à literatura para crianças é a recriação de contos de fadas tradicionais.

Pensando na literatura adequada às crianças, a presença de animais é marca determinante. Neste âmbito, o cordel tem muito material a oferecer, porém, pouco conhecido de pais, professores e educadores em geral. (Marinho e Pinheiro 2012: 49-50)

Outrossim, a literatura de cordel constitui farto material para a aprendizagem da língua, em virtude das temáticas que resgatam nossas memórias e despertam nossa imaginação e do emprego requintado de recursos linguísticos a fim de significar nossa cosmovisão.

3 – O LIVRO DIDÁTICO

No espaço escolar, uma das ferramentas pedagógicas mais importantes é o livro didático, que, além de prestar suporte ao trabalho do professor e ao estudo e pesquisa dos educandos, revela a orientação pedagógica vigente no mercado editorial voltado para o ensino, assim como a perspectiva oficial, já que os livros didáticos passam pela avaliação dos órgãos governamentais que regem a Educação, antes de chegarem aos bancos escolares.

O Guia de Livros Didáticos do Programa Nacional do Livro Didático 2014, referente aos livros que serão utilizados nos anos finais do Ensino Fundamental entre 2014 e 2016, estabelece que serão excluídas as coleções de livros que desobedecerem à Constituição da República Federativa do Brasil, à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ao Estatuto da Criança e do Adolescente, às Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental ou à

observância de princípios éticos necessários à construção da cidadania e ao convívio social republicano. A respeito dos princípios éticos, o Guia afirma que serão excluídos os livros didáticos que, dentre outras inadequações, “veicularem estereótipos e preconceitos de condição social, regional, étnico-racial, de gênero, de orientação sexual, de idade ou de linguagem, assim como qualquer outra forma de discriminação ou de violação de direitos” (2013: 9).

O Guia prevê para o ensino de língua materna no segundo segmento do Ensino Fundamental o desenvolvimento da linguagem oral e da linguagem escrita, além do investimento na formação do aluno leitor, com apreciação de diversos gêneros textuais, possibilitando a fruição estética da literatura, em especial, das manifestações literárias brasileiras, respeitando-se a variação linguística e a diversidade dialetal, abolidos os preconceitos.

Segundo tais parâmetros, serão avaliadas cinco coleções didáticas durante a pesquisa em proposta, a fim de observar a abordagem conferida à literatura de cordel nos livros didáticos destinados ao trabalho do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. A primeira coleção observada na pesquisa em curso, *Português: linguagens*, de Cereja e Magalhães (2012), apresenta grande variedade de gêneros textuais, que, articulados às passagens expositivas, instruções e indicações de livros, filmes, músicas e páginas virtuais, são destinados ao trabalho com a leitura, a produção textual e o estudo da gramática. A partir da apreciação dos livros de Cereja e Magalhães em análise, constatou-se que, entre os muitos gêneros textuais contemplados, não se encontra disponível para estudo nenhum poema da literatura de cordel em quaisquer dos livros da coleção.

Os conteúdos da coleção em foco se organizam a partir de unidades divididas em capítulos centrados em temas, conforme apresentado nas tabelas abaixo:

Tabela 1 – Temas do livro referente ao 6º. ano:

6º. ano	Unidade 1 No mundo da fantasia	Unidade 2 Crianças	Unidade 3 Descobrimos quem sou eu	Unidade 4 Verde, adoro ver-te
Capítulo 1	Era uma vez	Coisa de criança	O encantador de melros	Natureza morta ou natureza-morta?
Capítulo 2	Terra de encantamento	Uma questão de valor	Eu: o melhor de mim	A natureza em pânico
Capítulo 3	Todas as crianças crescem... menos uma!	Hora de diversão!	Em busca do sonho	S.O.S. animal

Tabela 2 – Temas do livro referente ao 7º. ano:

7º. ano	Unidade 1 Heróis	Unidade 2 Viagem pela palavra	Unidade 3 Eu e os outros	Unidade 4 Medo, terror e aventura
Capítulo 1	O nascimento de um herói	A palavra no reino da ternura	A descoberta do outro	Bem-vindos ao futuro!
Capítulo 2	O herói e seu avesso	Palavra: porta de aventuras	Alteridade: exercício de ternura	A aventura da linguagem
Capítulo 3	O herói que habita em mim	A trilha das palavras	Bullying: o império da tirania	A aventura da criação

Tabela 3 – Temas do livro referente ao 8º. ano:

8º. ano	Unidade 1 Humor: entre o riso e a crítica	Unidade 2 Adolescer	Unidade 3 Consumo	Unidade 4 Ser diferente
Capítulo 1	O humor nosso de cada dia!	Adolescência: a porta da vida?	Felicidade: quanto custa?	Semelhantes nas diferenças

Capítulo 2	Pílulas inquietantes	Corpo em (r)evolução	Consumo: o mundo da sedução	Racismo? Estou fora!
Capítulo 3	O povo: suas cores, suas dores	Nas asas do coração	Publicidade: vendem-se valores!	Sou o que sou

Tabela 4 – Temas do livro referente ao 9º. ano:

9º. ano	Unidade 1 Valores	Unidade 2 Amor	Unidade 3 Juventude	Unidade 4 Nosso tempo
Capítulo 1	O preço de estar na moda	A conquista do amor impossível	A primeira vez	Ciranda da indiferença
Capítulo 2	Os valores do outro	O selo do amor	Ser sempre jovem	Os Brasis
Capítulo 3	A dança das gerações	O milagre do amor	A permanente descoberta	De volta para o presente

Predominam nos livros de Cereja e Magalhães histórias em quadrinhos (tiras), poemas, anúncios publicitários e cartuns. A presença de muitos textos ou trechos de textos informativos evidencia a perspectiva de articular o conhecimento da língua ao conhecimento do mundo. Além disso, outras linguagens, como pintura, desenho, fotografia, cinema, são exploradas a fim de desenvolver a leitura, a produção textual, o raciocínio.

Não obstante a ausência de poemas de cordel na coleção, no livro referente ao 6o. ano do Ensino Fundamental, na página 50, há uma atividade sobre fonologia que é baseada em uma capa de folheto de cordel. O título do folheto, *Vitalino: O Nordeste feito de barro*, é aproveitado para a questão proposta, abaixo transcrita, juntamente com o gabarito oferecido no livro do professor:

1. Observe o folheto ao lado, produzido pela Prefeitura Municipal de Caruaru, cidade que é símbolo do artesanato nordestino.
 - a) Entre as palavras empregadas no folheto, há uma em que duas letras representam um único som. Qual é essa palavra? (Resposta: barro.)
 - b) Quais são as letras e qual é o som que elas representam? (Resposta: As letras *rr*, que representam o fonema /R/ (rê).)
 - c) Qual é ou quais são as maiores palavras do folheto? Quantas letras e sons elas apresentam? (Resposta: Vitalino e Nordeste; ambas apresentam oito letras e oito sons.) (Cereja e Magalhães 2012: 50)

Além dessa atividade e dessa breve referência a um folheto, do qual só se aproveita a capa, não há, como já foi dito, nenhuma proposta de estudo da língua a partir de poemas de cordel.

Nessa perspectiva, o presente projeto se destina a um estudo da literatura de cordel, suas origens, seus fundamentos, suas características, a riqueza de sua linguagem, a beleza de suas histórias, sua importância no contexto da literatura e da cultura brasileira. Propõe-se investigar o tratamento dado à literatura de cordel nas práticas pedagógicas, no Ensino Fundamental, especialmente no suporte livro didático. Por fim, pretende-se contribuir para a valorização da literatura de cordel no contexto escolar, oferecendo subsídios ao trabalho do professor, por meio do estudo dos recursos linguísticos que compõem e embelezam a poesia popular dos folhetos à luz da Estilística Semiótico-funcional e da Semântica.

4- BASE TEÓRICA

A pesquisa em curso se propõe não só investigar o tratamento atribuído à literatura de cordel, mas também, sugerir estratégias pedagógicas – para o ensino da língua portuguesa como língua materna – que aproveitem as propriedades linguísticas do cordel, seus recursos fônicos,

morfológicos, lexicais, sintáticos, semânticos, com o aporte teórico da Estilística Semiótico-funcional (Simões 2005) e da Semântica (Ullmann 1964).

Estilística é a disciplina que se ocupa do estilo, ou seja, do uso expressivo da linguagem. Martins afirma que a palavra *estilo* tem sido aplicada a “tudo que possa apresentar características particulares, das coisas mais banais e concretas às mais altas criações artísticas” (2000: 1).

A Estilística tem apresentado um alargamento de suas fronteiras, devido à influência da Semiótica, da Pragmática e da Análise do Discurso. Os novos trabalhos consideram não só o texto literário como objeto de estudo, mas diversas manifestações linguísticas, como letras de música, charges, textos publicitários. Monteiro destaca alguns trabalhos que aplicaram a teoria estilística a textos de gêneros diversos:

Quanto ao direcionamento dos estudos para a análise da expressividade nos mais diversos tipos de mensagem, algo de produtivo já se tem feito. Aqui no Brasil, um bom exemplo é o trabalho de Carvalho e Araújo (1999) sobre as composições musicais de Noel Rosa. Outro é o de Valente (1994), que descreve e interpreta os principais mecanismos ou estratégias para a produção do sentido conotativo nas letras de música popular, nas charges e cartuns, na publicidade, no cinema, nos textos sem geral e, logicamente, nas manifestações poéticas. (Monteiro 2009: 32)

Vale ressaltar ainda os estudos de Rei: *A palavra caetana: estudos estilísticos* (2002) e *A herança estilística das cantigas de amigo na lírica de Chico Buarque* (2007), constituindo-se o primeiro em uma análise estilística das canções compostas por Caetano Veloso e o segundo, em uma análise das composições de Chico Buarque, observando em sua obra a herança das cantigas de amigo medievais. Nos trabalhos de Rei, a língua é concebida do ponto de vista do uso, da *parole* e não da *langue*, que corresponderia ao sistema linguístico na dicotomia estabelecida por Saussure. Nas palavras do estiólogo, “a significação não está previamente no código, é o uso que operacionaliza e recria o valor dos signos. Os jogos de linguagem reenviam-nos para uma lógica do possível não limitada por uma significação *a priori*” (2002: 42).

Os fenômenos da significação e do sentido são entendidos nos trabalhos de Rei de modo mais abrangente, como algo dinâmico, que é permanentemente atualizado e recriado na interação entre os sujeitos.

Nessa perspectiva, Simões esclarece a articulação produtiva entre a Estilística e a Semiótica. Segundo a estudiosa, “a semiótica trata do processo de semiose (ou geração de sentido) e, aliada à estilística, consegue subsidiar interpretações mais sustentadas pela cadeia sígnica e menos sujeitas ao impressionismo analítico” (2005: 8).

Seguindo a orientação adotada por Rei e Simões (atualmente subsidiada pela linguística sistêmico-funcional de Halliday), propõe-se um estudo de poemas de cordel baseado na Estilística Semiótico-funcional, ou seja, serão investigados os empregos estratégicos dos recursos linguísticos nos planos fônico, mórfico, sintático e semântico, tomados como opções discursivo-textuais orientadas/orientadoras pela/da construção do sentido.

Ao lado da Estilística Semiótico-funcional, a disciplina que subsidiará o estudo proposto será a Semântica, o “estudo do significado das palavras”, segundo Ullmann (1964: 7). O semanticista afirma que os antigos gregos e latinos já se interessavam pelos problemas do significado, com especial atenção às mudanças de significado decorrentes das mudanças na mentalidade pública (p. 8). Segundo Ullmann, foi a Estilística, ciência que se ocupa dos valores expressivos e evocativos da linguagem. Nas palavras do autor: “demonstrou-se que todos os

1

grandes problemas da semântica têm implicações estilísticas, e em alguns casos, como por exemplo no estudo das tonalidades emotivas, as duas orientações estão inextricavelmente entrelaçadas” (*op. cit.* p. 22).

Considerando a complexidade das relações semânticas, Ullmann observa que a relação entre o nome e o sentido pode não ocorrer em uma única direção, havendo a possibilidade de vários nomes estarem ligados a um único sentido ou diversos sentidos estarem ligados a um único nome (1964: 127). Além disso, segundo o autor, “as palavras estão também associadas a outras palavras, com as quais têm qualquer coisa em comum, no som, no sentido, ou em ambos ao mesmo tempo” (p. 128).

Dos fenômenos de ordem semântica, interessam ao estudo proposto a metáfora (comparação implícita), a sinonímia (equivalência de significados) e a antonímia (oposição de significados), dentre outros que serão constatados conforme aprofundamento da pesquisa sobre os poemas de cordel.

5- ANÁLISE DO CÓRPUS²

A pesquisa em desenvolvimento contará, possivelmente, com a análise de dez poemas de cordel, com base na Estilística Semiótico-funcional e na Semântica. Para o presente trabalho, propõe-se o estudo de uma sequência de sete estrofes de dois poemas. O primeiro poema a ser estudado é *Viagem a São Saruê*, de Manuel Camilo dos Santos (1978, *Apud* Marinho e Pinheiro 2012: 74-80).

Avistei uma cidade
como nunca vi igual
toda coberta de ouro
e forrada de cristal
ali não existe pobre
é tudo rico em geral.

Uma barra de ouro puro
servindo de placa eu vi
com as letras de brilhante
chegando mais perto eu li
dizia: – São Saruê
é este lugar aqui.

Quando avistei o povo
fiquei de tudo abismado
uma gente alegre e forte
um povo civilizado
bom, tratável e benfazejo
por todos fui abraçado.

O povo em São Saruê
tudo tem felicidade
passa bem anda decente
não há contrariedade
não precisa trabalhar

² Minha orientadora propõe o uso aportuguesado de formas latinas que se ajustem ao padrão silábico e acentual do português, no caso, *córpus* segue o modelo de *ônus*, *bônus*, *tônus* etc.

e tem dinheiro à vontade.

Lá os tijolos das casas
são de cristal e marfim
as portas barras de prata
fechaduras de “rubim”
as telhas folhas de ouro
e o piso de cetim.

Lá eu vi rios de leite
barreiras de carne assada
lagoas de mel de abelha
atoleiros de coalhada
açudes de vinho do porto
montes de carne guisada.

As pedras em São Saruê
são de queijo e rapadura
as cacimbas são café
já coado e com quentura
de tudo assim por diante
existe grande fartura.

O poema é organizado em sextilhas de versos de sete sílabas poéticas, ou redondilha maior, e rimam o segundo, o quarto e o sexto versos. A sextilha, segundo Viana, é a principal modalidade de estrofe do cordel (2010: 35). O texto narra uma viagem encantada à terra de São Saruê. Percebe-se o predomínio da descrição nas sete estrofes selecionadas do poema, revelando uma terra idealizada e incomum, conforme evidenciado, na primeira estrofe, pelo emprego do advérbio *nunca*: “como nunca vi igual”, ou seja, estranha à realidade conhecida. A cidade é rica, revestida com os materiais mais preciosos: ouro, cristal, brilhante, marfim, prata, rubim (rubi), cetim. A abundância de São Saruê e a qualidade de vida de seus habitantes são construídas, no poema, sobretudo, pelo emprego de substantivos, adjetivos e locuções adjetivas, como podemos constatar nas passagens: “gente alegre e forte”, “povo civilizado/ bom, tratável e benfazejo” (substantivos + adjetivos) – terceira estrofe; “lagoas de mel de abelha” e “açudes de vinho do porto” (substantivos + locuções adjetivas) – sexta estrofe.

Os tempos verbais reconhecidos nas estrofes em foco são o presente e o pretérito perfeito do indicativo, reforçando a descrição de uma terra fantástica inserida na narração de uma viagem mágica.

Em São Saruê, as pessoas convivem em situação de igualdade social, todos são abastados, felizes, saudáveis, educados e gentis, como podemos observar na terceira e quarta estrofes. Os versos “ali não existe pobre/ é tudo rico em geral”, da primeira estrofe, opõem, com o auxílio da antonímia pobre/ rico, a realidade conhecida pelo sujeito poético e a fantasia de São Saruê. A repetição do advérbio *lá*, na quinta e na sexta estrofes enfatiza a distância e a diferença de condições entre o mundo do eu-lírico e o mundo encantado que ele visita.

A idealização de São Saruê é muito nítida nos versos: “não há contrariedade/ não precisa trabalhar/ e tem dinheiro à vontade”, evidenciando o contraste que há entre a vida em São Saruê e a vida no Nordeste, onde se constata profundas desigualdades sociais e onde se trabalha muito para ganhar muito pouco. Igualmente, a fartura dos alimentos em São Saruê difere da escassez e da fome que assolam os nordestinos frequentemente, conforme observado na sexta e na sétima estrofes. Note-se que os alimentos, na terra idealizada, estão todos disponíveis na natureza, basta

que sejam colhidos livremente e consumidos pelo povo, todos são donos dos bens de consumo, diferente do mundo real em que a propriedade é restrita a poucos.

O segundo poema a ser estudado é *Parque Pedra da Boca*, de Gil Ribeiro (2007).

Nesse local se avista
Nosso parque por inteiro,
As terras do calabouço
Com o Sítio de Coqueiros
Até cidades vizinhas
Avista-se nesta linha
Sem gastar nenhum dinheiro.

Também quero abordar
Sobre a Pedra do Carneiro
É na chegada do Parque
Bem antes da do Letreiro,
Ela é média e redondada
Fica na beira da estrada
Próximo duns pés de coqueiros.

Além dessas duas pedras
É bom visitar também
Outras raras maravilhas
Que o nosso parque tem
Como a Pedra da Caveira
Que está na cordilheira
Sem nunca assustar ninguém.

Sem dúvida a mais renomada
É a Pedra do Letreiro,
Sua pintura rupestre
É fonte pra o brasileiro
Estudar nosso passado
Vem gente de todo lado
Até mesmo do estrangeiro.

Ali sempre é visitado
Por matuto e doutor
Vem gente das faculdades
Estudante e professor
Estudar nossa pintura
Porém, aquela leitura
É vista com muito amor.

Acredita-se que o homem
Quando morava em caverna
Registrara sua marca
Símbolo da cultura eterna
Por isso nosso letreiro
É visto no mundo inteiro
Orgulhando nossa terra.

Porém com esse letreiro
O nosso turismo avança
Além disso é privilégio

A imagem duma santa
Que há muito tempo está
Naquele lindo lugar
Relembro desde criança.

Nesse poema, assim como no primeiro, predomina a descrição. O poema se ocupa de descrever o Parque Estadual da Pedra da Boca, localizado no município de Araruna, Paraíba. O autor do poema *Viagem a São Saruê*, Manuel Camilo dos Santos, nasceu em 1905 em Guarabira, Paraíba, e faleceu em 1987. O poeta Gil Ribeiro, autor do poema *Parque Pedra da Boca*, nasceu em 1967, em Serra de São Bento, Rio Grande do Norte, cidade próxima aos limites com a Paraíba, a 66,8 quilômetros de Guarabira, segundo o site <https://www.google.com/maps> (Acesso em 02 abr. 2014). Selecionaram-se um poema mais antigo, de um autor já falecido, e um poema mais recente, de um poeta ainda jovem, com 47 anos, a fim de ressaltar que a literatura de cordel está viva e atual.

O poema de Gil Ribeiro se organiza em setilhas ou sétimas, com versos de sete sílabas poéticas ou redondilha maior. O poeta rima o segundo verso com o quarto e o sétimo, e o quinto verso com o sexto. Segundo Silva, “as setilhas são uma modalidade relativamente recente” e prova disso “está na ausência quase completa delas na grande produção de Leandro Gomes de Barros”. O pesquisador afirma ainda que, para alguns estudiosos do cordel, as setilhas foram criadas pelo poeta José Galdino da Silva Duda, 1866-1931. Todavia, “o autor mais rico nessas composições, talvez por se tratar do maior humorista da literatura de cordel, foi José Pacheco da Rocha, 1890-1954”, autor de *A chegada de Lampião no inferno* (Silva 2011: 26-27).

O poema que exalta o Parque Estadual da Pedra da Boca articula passagens em que se percebem, a influência da oralidade e a escolarização do poeta. A influência da oralidade pode ser exemplificada pelo desvio de concordância nos versos (verbo no singular): “Até cidades vizinhas/ Avista-se nesta linha”, na primeira estrofe; pela aférese do *a* em *redondada*, na segunda estrofe; a alteração da concordância (próximo, no masculino): “(a Pedra do Carneiro) Fica na beira da estrada/ Próximo duns pés de coqueiro”, na segunda estrofe; as contrações de preposições com artigos: *duns* (segunda estrofe), *pra* (quarta estrofe) e *duma* (sétima estrofe). Além de imprimir nos versos a fala do povo, as contrações contribuem para a manutenção da métrica do poema.

As evidências de instrução que escapam da caneta do poeta podem ser exemplificadas pela variedade com que registra a voz passiva: *se avista*, *avista-se* (primeira estrofe); *é visitado*, *é vista* (quinta estrofe); *é visto* (sexta estrofe). Note-se, na primeira estrofe, que o poeta emprega a forma *se avista* no final do primeiro verso, mas não inicia o sexto verso com o pronome apassivador, empregando a forma *avista-se*, assim como não inicia o primeiro verso da sexta estrofe com a partícula que indetermina o sujeito, empregando a forma *acredita-se*. Outra marca que revela instrução é o uso do pretérito mais-que-perfeito: “Registrara sua marca”, na sexta estrofe.

Por tratar-se de um texto descritivo, podem ser reconhecidos no poema substantivos, adjetivos e verbos conjugados no presente do indicativo. Como o folheto elogia o parque que lhe serve de tema, percebem-se muitas expressões que emprestam uma conotação positiva à descrição, ressaltando o potencial turístico do parque e suas riquezas naturais e culturais: “sem gastar nenhum dinheiro” (primeira estrofe); “outras raras maravilhas” (terceira estrofe); “símbolo da cultura eterna”, “orgulhando nossa terra” (sexta estrofe); “o nosso turismo avança”, “privilégio”, “lindo lugar” (sétima estrofe). A repetição do pronome possessivo *nosso(a)* no trecho selecionado do poema, por sua vez, ressalta a profunda identificação do sujeito poético

com essa terra, assim como a inclusão dos seus interlocutores, tal qual um convite para participar desse sentimento.

Assim como uma leitura cuidadosa revela que o poema comporta a linguagem do homem do campo e a linguagem do homem escolarizado, a antítese *matuto/doutor*, registrada na quinta estrofe, destaca o parque como um elo entre os homens de diferentes condições, procedências e níveis de escolaridade, ou seja, o parque une os homens sob o encantamento por sua história e beleza.

Além do trabalho com leitura e análise dos poemas, o primeiro descrevendo um paraíso imaginário, como em *Pasárgada*, do pernambucano Manuel Bandeira (1886-1968), e o segundo descrevendo as belezas da terra natal, como em *Canção do Exílio*, do maranhense Gonçalves Dias (1823-1864), é possível propor produções textuais que descrevam uma terra imaginária ou a terra em que se vive, exercitando a criatividade ou a capacidade de observação dos educandos e desenvolvendo suas habilidades linguísticas.

6- CONCLUSÃO

Este trabalho, que corresponde ao início de uma pesquisa de doutorado, já reforça a hipótese de que a literatura de cordel, a despeito de sua riqueza linguística e cultural, não recebe o merecido tratamento nos livros didáticos destinados aos alunos do Ensino Fundamental.

A leitura dos trechos dos dois poemas estudados evidencia a tradição da literatura de cordel, assim como seu dinamismo e atualidade. Percebe-se que os poemas de cordel têm muito a revelar sobre nossa identidade e sobre as potencialidades de nossa língua, constituindo farto material para as discussões em sala de aula, para o desenvolvimento da leitura e da escrita e para o ensino dos recursos gramaticais e suas aplicações.

A proposta desta pesquisa é, além de observar se os livros didáticos contemplam os poemas populares dos folhetos nordestinos e de que modo os contemplam, estudar esses poemas à luz da Estilística Semiótico-funcional e da Semântica, enfatizando a construção do significado por meio do emprego elaborado dos recursos linguísticos. Outrossim, esta pesquisa se compromete com a valorização da literatura de cordel e de seus autores, assim como da cultura e da identidade brasileiras.

7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brasil. 1998. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília, MEC/SEF. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2013.
- Bréal, Michel. 1992. *Ensaio de Semântica*. Trad. Aída Ferrás, Eduardo Guimarães, Eleni Jacques Martins e Pedro de Souza. São Paulo, EDUC e Pontes.
- Cascudo, Luís da Câmara. 2002. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. Ilustrado. São Paulo, Global.
- Cereja, William Roberto e Magalhães, Thereza Cochar. 2012. *Português: linguagens*. Coleção de livros didáticos para o Ensino Fundamental. Material de divulgação. Manual do professor. 7. ed. reform. São Paulo, Saraiva.
- Haurélio, Marco. 2010. *Breve história da Literatura de Cordel*. São Paulo, Claridade.
- <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em 02 abr. 2014.
- Marinho, Ana Cristina e Pinheiro, Helder. 2012. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo, Cortez.

- Martins, Nilce Sant'Anna. 2000. *Introdução à Estilística*. 3. ed. São Paulo, T. A. Queiroz.
- MEC. 2013. *Guia de livros didáticos PNLD 2014*. Ensino Fundamental, anos finais. Língua Portuguesa. Brasília, MEC.
- Maya, Ivone da Silva Ramos. 2012. *O povo de papel: a sátira política na literatura de cordel*. Rio de Janeiro, Garamond.
- Monteiro, José Lemos. 2009. *A Estilística: Manual de análise e criação do estilo literário*. 2. ed. Petrópolis, Vozes.
- Rei, Claudio Artur de Oliveira. 2002. *A palavra caetana: estudos estilísticos*. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- _____. *A herança estilística das cantigas de amigo na lírica de Chico Buarque*. 2007. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Ribeiro, Gil. 2007. *Parque Pedra da Boca*. Folheto.
- Santos, Manuel Camilo dos. 1978. *Viagem a São Saruê*. Apud Marinho, Ana Cristina e Pinheiro, Helder. 2012. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo, Cortez.
- Silva, Gonçalo Ferreira da. 2011. *Vertentes e evolução da literatura de cordel*. 5. ed. Rio de Janeiro, Rovellet.
- Simões, Darcilia e Pereira, Juliana Theodoro (Est. Vol. PIBIC). 2005. *A estilística singular de I-Juca-Pirama*. Rio de Janeiro, Dialogarts.
- Ullmann, Stephen. 1964. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Trad. J. A. Osório Mateus. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Viana, Arievaldo Lima. (org.) 2010. *Acorda cordel na sala de aula: A Literatura Popular como ferramenta auxiliar na Educação*. 2. ed. Fortaleza, Gráfica Encaixe.